

A propósito da conquista de Azamor: do discurso eufórico à realidade*

A propos de la conquête d'Azemmour : du discours euphorique à la réalité*

MARIA AUGUSTA LIMA CRUZ, CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

Alicerçada no espírito de cruzada, a conquista de Azamor suscitou manifestações encomiásticas de vários tipos que deram voz a um discurso eufórico. Ousaria mesmo afirmar que o rei D. Manuel I utilizou esta conquista, desde os preparativos até à sua divulgação, como instrumento de propaganda política com contornos mediáticos, quer dentro quer fora de Portugal. Uma euforia que, a médio prazo, seria neutralizada pelo reverso da medalha, ou seja, problemas com que os portugueses se debateram em terras marroquinas, os quais, em certa medida, acabariam por contradizer o triunfalismo do discurso inicial.

1. No contexto da cruzada manuelina: o aparato da conquista de Azamor

A tomada de Azamor pelos portugueses teve lugar no dia 3 de Setembro de 1513. Pode dizer-se que ela foi o corolário de uma série de campanhas levadas a cabo pelo rei D. Manuel I contra lugares marítimos do Sul de Marrocos. Conquistas e ocupações que foram seguidas de construção de fortalezas:

- 1505, ocupação de Santa Cruz do Cabo de Guér, onde João Lopes de Sequeira constrói fortaleza;
- 1506, construção do Castelo Real em Mogador;
- 1506, provável construção de castelo em Ben Mirao por João Lopes de Sequeira;
- 1508, tomada de Safim;
- 1508, ocupação de Aguz;
- 1513, castelo de Santa Cruz do Cabo de Guér passa para a Coroa portuguesa;
- 1513, a conquista de Azamor, seguida da ocupação e fortificação de Mazagão.

* Agradeço ao amigo Francisco Azevedo Mendes a revisão e as pertinentes sugestões.

Soutenue par l'esprit de croisade, la conquête d'Azemmour a suscité divers types de manifestations élogieuses qui ont donné voix à un discours euphorique. J'oserai même dire que, depuis les préparatifs jusqu'à la divulgation de la victoire, elle a été utilisée par le roi D. Manuel I comme instrument de propagande politique aux contours médiatiques, soit à l'intérieur soit en dehors du Portugal. Une euphorie qui, à moyen terme, serait neutralisée par le revers de la médaille, c'est-à-dire par les problèmes rencontrés sur le terrain lesquels en quelque sorte viendraient contredire le triomphalisme du discours initial.

1. Dans le contexte de la croisade manuéline : l'apparat de la conquête d'Azemmour

La prise d'Azemmour par les portugais a eu lieu le 3 septembre 1513. On peut affirmer qu'elle fut le corollaire d'une série de campagnes menées par le roi D. Manuel I contre des lieux maritimes du Sud du Maroc. Conquêtes ou occupations suivies de construction de forteresses :

- 1505, occupation de Santa Cruz du cap de Gué, où João Lopes de Sequeira a bâti une forteresse;
- 1506, probable édification du château à Ben Mirao par João Lopes de Sequeira;
- 1507, construction du Castelo Real de Mogador;
- 1508, prise de Safi;
- 1508, occupation d'Agúz;
- 1513, le château de Santa Cruz du cap de Gué revient à la Couronne portugaise;
- 1513, conquête d'Azemmour suivie de l'occupation et fortification de Mazagan.

* Je remercie mon ami, Francisco de Azevedo Mendes, pour sa révision et ses pertinentes suggestions.

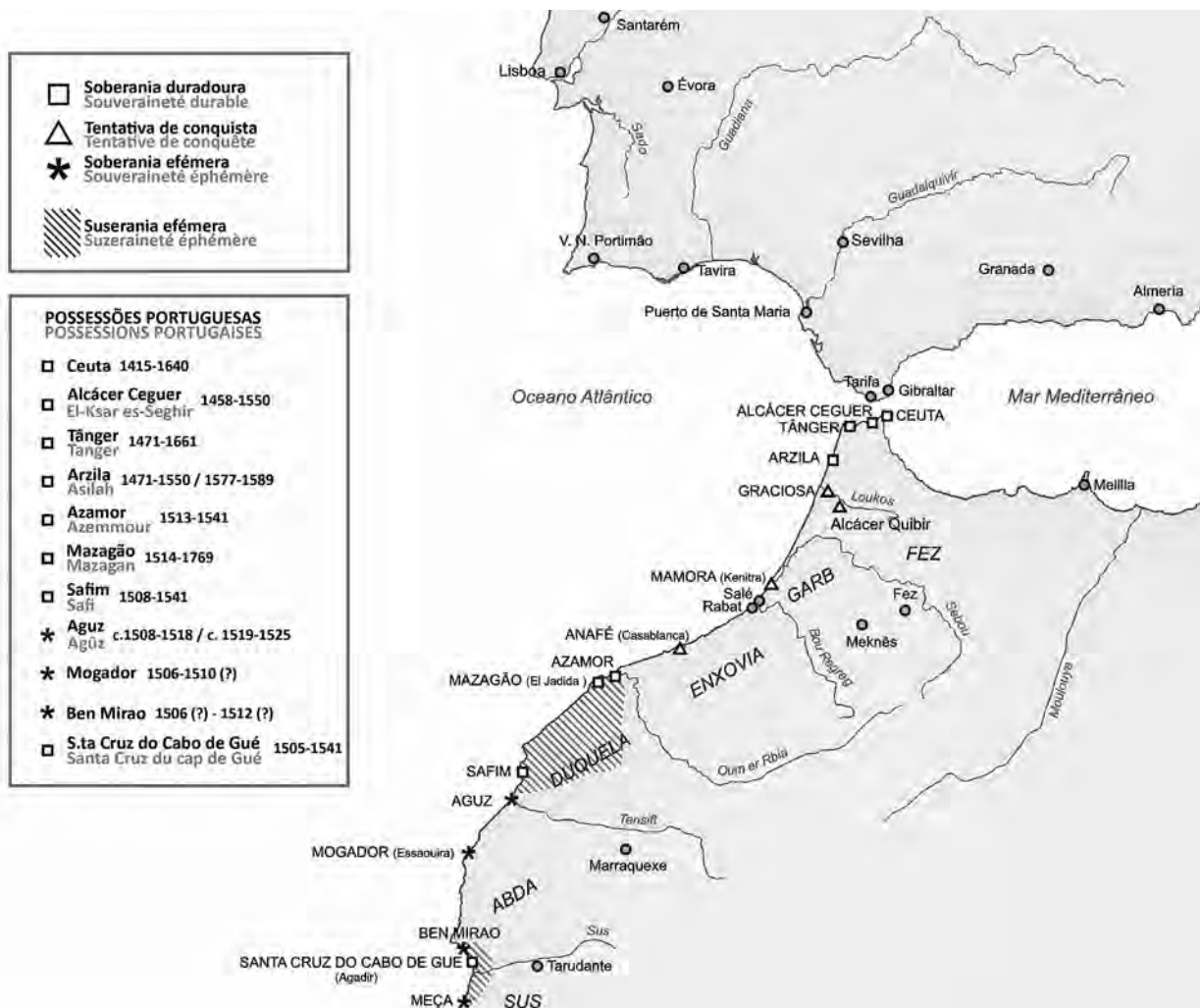


Fig. 1 – Mapa do sul da Península Ibérica e do Norte de África, assinalando os locais de expansão portuguesa, século XVI. /
 Carte du sud de la Péninsule Ibérique et de l'Afrique du Nord, marquant les lieux de l'expansion portugaise, XVI^e siècle.

Além do interesse pela tomada de lugares costeiros marroquinos, no quadro da defesa e manutenção dum império marítimo, e dos interesses económicos suscitados pelas riquezas da região (cereais, tecidos, gado, mel, cera, anil, entre outros), é evidente que com D. Manuel I assistimos a uma viragem estratégica da política expansionista portuguesa no Norte de África, sustentada pelo sonho de conquista de todo o território marroquino. Uma viragem que, como demonstrou Luís Filipe Thomaz, se inscrevia num plano imperial mais vasto de destruição do Islão, alimentado por um renovamento da ideologia de cruzada. Neste plano, segundo o mesmo historiador, distinguem-se claramente quatro vertentes: obstrução do comércio muçulmano das especiarias; ataque contra o Estado mameluco através do Mar Vermelho; expedição marítima à Terra Santa; e conquista de Marrocos¹.

1. Luís Filipe Thomaz, «L'idée impériale manuéline», in *La Découverte Portugaise et l'Europe*, Actes du Colloque, Paris, les 26, 27 et 28 mai 1988, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian / Centre Culturel Portugais, 1990, pp. 35-103.

Outre l'intérêt de la prise de lieux côtiers marocains, dans le cadre de la défense et du maintien d'un empire maritime, et des intérêts économiques suscités par les richesses de la région (céréales, tissus, bétail, miel, cire, indigo, entre autres), il est évident qu'on assiste, sous D. Manuel I, à un véritable tournant stratégique de la politique d'expansion portugaise dans le Nord de l'Afrique étayé par le rêve de conquête de tout le territoire marocain. Ce tournant, comme la démontre Luis Filipe Thomaz, s'inscrit dans un plan impérial plus vaste de destruction de l'Islam, soutenu par un renouement de l'idéologie de croisade, dans lequel, d'après le même historien, on distingue aisément quatre volets : obstruction au commerce musulman d'épices ; attaque contre l'État mamlouk par la Mer Rouge, expédition maritime en Terre Sainte et conquête du Maroc¹.

1. Luís Filipe Thomaz, «L'idée impériale manuéline», in *La Découverte Portugaise et l'Europe*, Actes du colloque, Paris, les 26, 27 et 28 mai 1988, Paris Fondation Calouste Gulbenkian / Centre Culturel Portugais, 1990, pp. 35-103.

No que diz respeito à cruzada marroquina, D. Manuel obteve da Santa Sé uma série de bulas de cruzada que, benzendo-a, davam-lhe meios para financiar empreendimentos guerreiros na região.

Em Março/Abril de 1513, o rei envia cartas aos arcebispos de Lisboa, Braga e Évora, a vários bispos e ao grão-mestre da ordem de Santiago, anunciando a sua decisão de mandar «além-mar» uma expedição comandada pelo duque de Bragança, e requerendo-lhes participassem nesta empresa com cavaleiros equipados². Pela mesma altura, foram ainda enviadas cartas a fidalgos, cavaleiros e escudeiros, convocando-os a servir o rei no mesmo empreendimento³. A escolha de D. Jaime, quarto duque de Bragança (1483-1532), sobrinho do rei e o mais importante senhor do Reino, como comandante da expedição, a dimensão da armada – mais de 400 navios e cerca de 25.000 combatentes, entre tripulantes a combatentes –, sem dúvida a maior armada organizada no reinado de D. Manuel I, assim como os senhores e titulares que tomaram parte nesta expedição pareciam indiciar objectivos mais vastos que a simples tomada de uma cidade, no caso a cidade de Azamor.

A partida da armada do Tejo, a 16 ou 17 de Agosto, foi precedida de um grande entusiasmo popular (festas, paradas, missa solene na sé Lisboa com bênção da bandeira). Nas vésperas da partida foi representada na Corte a tragicomédia *Exortação da Guerra* de Gil Vicente, onde o dramaturgo faz um claro apelo ao sentimento antimuçulmano e apresenta a guerra santa contra o Islão como uma vocação dos portugueses. Mais ainda, faz referência aos fins últimos da empresa: a tomada de Fez e a consagração da sua mesquita como catedral:

Avante! Avante! Senhores!
Que na guerra com razão
Anda Deus por capitão
(...)
Sua Alteza determina
Por acrescentar a fé,
Fazer da mesquita sé
Em Fez por graça divina.
Guerra, guerra mui continua
É sua grande tenção
Ta la la la lã, ta la la la lã.⁴

2. Cartas datadas de Évora, 29 de Março de 1513, Arquivo Nacional da Torre do Tombo (doravante ANTT), *Corpo Cronológico*, parte I, maço 12, docs. 95, 96, 97, 98 e 99. A carta dirigida ao arcebispo de Lisboa (doc. 95) foi publicada por António Baião, *Documentos do Corpo Chronológico relativos a Marrocos (1488 a 1514)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925, pp. 54-55.

3. Minuta de carta circular, datada de Évora, 8 de Abril de 1513, ANTT, *Corpo Cronológico*, parte I, maço 12, doc. 107, pub. António Baião, *Documentos...* cit., p. 55.

4. Gil Vicente, *Exortação da Guerra*, pp. 215-216 da edição de *Obras de Gil Vicente*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1965.

En ce qui concerne la croisade marocaine, D. Manuel I a obtenu du Saint Siège une série de bulles de croisade qui, tout en la bénissant, lui permettaient, en plus, de financer aisément l'entreprise.

En mars/avril 1513, le roi adresse des lettres aux archevêques, évêques et grands maitres des ordres militaires leur annonçant sa décision d'envoyer «outre-mer» une expédition commandée par le duc de Bragança, tout en les invitant à prendre part à son entreprise, en fournissant des cavaliers équipés². Par la même occasion, il adresse des convocations aux gentilshommes, cavaliers et écuyers du royaume afin de les sommer de se mettre au service du roi³. Le choix de D. Jaime, quatrième duc de Bragança (1483-1532), neveu du roi et le plus grand seigneur du royaume, comme chef de l'expédition, l'importance de l'armée – plus de 400 vaisseaux et environs 25.000 hommes, entre équipage et combattants – ainsi que les personnalités prenant part à l'expédition semblent traduire des objectifs plus vastes que la seule prise d'une ville, en l'occurrence la ville d'Azemmour.

Le départ de la flotte du Tage, le 17 août 1513, fut accompagné d'un grand enthousiasme populaire (fêtes, parades, messe solennelle et bénédiction des drapeaux) et, fait encore plus significatif, la veille, on joua à Lisbonne l'« Exortação da guerra » de Gil Vicente, tragi-comédie où le dramaturge fait un appel clair au sentiment antimusulman tout en présentant la guerre sainte contre l'Islam comme une vocation des portugais. Il y fait même référence aux buts lointains de l'entreprise : la prise de Fès et la consécration de sa mosquée comme cathédrale :

Avante! Avante! Senhores!
Que na guerra com razão
Anda Deus por capitão
(...)
Sua Alteza determina
Por acrescentar a fé,
Fazer da mesquita sé
Em Fez por graça divina.
Guerra, guerra mui continua
É sua grande tenção
Ta la la la lã, ta la la la lã.⁴

2. Lettres datées d'Évora, le 29 mars 1513, Arquivo Nacional da Torre do Tombo (dorénavant ANTT), *Corpo Cronológico*, parte I, maço 12, docs. 95, 96, 97, 98 e 99. La lettre adressée à l'archevêque de Lisbonne (doc. 95) pub. António Baião, *Documentos do Corpo Chronológico relativos a Marrocos (1488 a 1514)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925, p. 54.

3. Minute de circulaire datée d'Évora, le 8 avril 1513, ANTT, *Corpo Cronológico*, parte I, maço 12, doc. 107, pub. António Baião, *Documentos...* cit., p. 55.

4. Gil Vicente, *Exortação da Guerra*, pp. 215/216 de l'édition de *Obras de Gil Vicente*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1965.

A efectiva conquista de Azamor foi levada a cabo quase sem percalços. Em virtude das dificuldades da barra do Morbeia, o rio da cidade, o desembarque fez-se no porto de Mazagão, entre 27 e 29 de Agosto, onde ocorreram algumas escaramuças. A 1 de Setembro, o exército pôs-se em marcha, por terra, para Azamor, onde assentou o seu acampamento frente à cidade. Entretanto, parte da artilharia e munições de guerra fora enviada em navios pequenos para entrar no Morbeia. A 2 de Setembro foi posto cerco à cidade, jornada em que ocorreram alguns combates envolvendo a cavalaria e bombardeamentos activos, no decurso dos quais um tiro de bombarda dos portugueses feriu mortalmente o capitão da cidade, Cide Mançor. Desencorajados por esta morte, mas sobretudo pela imponentia das forças militares portuguesas, os habitantes da cidade evacuaram-na na noite de 2 para 3 de Setembro.

Assim, a 3 de Setembro, o duque de Bragança fazia a sua entrada numa cidade praticamente vazia, onde apenas permaneceram algumas comunidades judias. Como sintetizaria o próprio duque, Azamor fora conquistada «no prazo dum só dia, sem morte de algum de nós»⁵.

Foi enorme a repercussão deste sucesso na região, não tanto pela tomada da cidade em si, alcançada praticamente sem resistência, mas sobretudo pelo aparato belicoso dos portugueses. Em pânico, os habitantes de Almedina, já submetidos a Portugal, e os de Tite fugiram para o interior do território.

Pode dizer-se que os objectivos da expedição estavam cumpridos, mas sem que isso se traduzisse por um grande feito militar, uma conquista resultante de um longo cerco ou de combates renhidos onde os guerreiros portugueses tivessem tido oportunidade de cometer actos de valentia ou de se notabilizar na luta contra os muçulmanos. Compreende-se, por isso, tendo em conta a envergadura da expedição, que muitos dos cavaleiros e senhores titulares nela participantes tivessem pressionado o duque de Bragança para, aproveitando o momento favorável, fazer guerra a Marraquexe, cidade que facilmente conquistaria. Um religioso franciscano, frei João de Chaves, pregando na mesquita de Azamor, já convertida em igreja, ousou mesmo censurar o duque pela sua inactividade e por deixar escapar esta oportunidade. Ao que este, porventura ciente das dificuldades disciplinares de controle dos guerreiros, sobretudo das hostes senhoriais, teria prudentemente respondido,

5. Jerónimo Osório, *Da vida e feitos d'elrey D. Manoel*, tradução para português de Francisco Manso do Nascimento, Lisboa, Impressão Régia, 1806, tomo III, vol. IX, p. 30.

La prise d'Azemmour s'est déroulée presque sans problèmes. A cause des difficultés présentées par la barre du fleuve de la ville, l'Oum er-Rbia, le débarquement a eu lieu au port de Mazagan, entre le 27 et le 28 août, où à peine quelques escarmouches se sont produites. Le 1^{er} septembre l'armée se mit en marche, par voie de terre, vers Azemmour, établissant son camp face à la ville, alors qu'une partie de l'artillerie et des munitions avait été envoyée par des petits navires capables de franchir l'embouchure de l'Oum er-Rbia. Le 2 septembre, il y eut quelques combats engageant la cavalerie et d'actifs bombardements de la place, au cours desquels Sidi Mansour, le capitaine de la ville, a été tué par un boulet portugais.

Les musulmans, découragés par cette mort, mais surtout par les imposantes forces militaires portugaises, évacuèrent la ville dans la nuit du 2 au 3 septembre. Ainsi, le 3 septembre, le duc de Bragança a fait son entrée dans une ville presque vide, où seulement quelques communautés juives étaient restées. Comme le synthétiserait le duc lui-même, Azemmour avait été conquise « dans le délai d'un seul jour, sans qu'aucun de nous ne meure »⁵.

Plus que la prise de la ville, qui s'est produite pratiquement sans résistance, ce fut surtout l'apparat belliqueux portugais qui a eu un immense retentissement dans la région : en panique, les habitants d'El-Medina el-Gharbiya, déjà soumis au Portugal, et ceux de Tite, s'enfuirent vers l'intérieur du territoire.

On peut, donc, dire que les objectifs de l'expédition avaient été accomplis, mais sans que cela ne se traduise par un grand fait militaire, une conquête résultant d'un long siège ou de combats acharnés où les guerriers portugais eussent l'occasion de commettre des actes de bravoure ou de se distinguer dans la lutte contre les musulmans.

Étant donné les attentes et la grande envergure de l'expédition on comprend les pressions exercées par de nombreux cavaliers et gentilshommes auprès du duc de Bragança pour que, profitant de l'occasion, il marche immédiatement sur Marrakech. Un religieux franciscain, frei João de Chaves, prêchant dans la mosquée d'Azemmour, déjà convertie en église, osa même lui reprocher de rester dans l'inaction et de laisser échapper le moment si favorable. Mais le duc, probablement conscient des difficultés de contrôle disciplinaire des guerriers, surtout de ceux appartenant aux corps seigneuriaux, riposta prudemment, dans l'église-même, dont le roi lui avait donné pour

5. Jerónimo Osório, *Da vida e feitos d'elrey D. Manoel*, traduit du latin vers le portugais par Francisco Manso do Nascimento, Lisbonne, Impression Régia, 1806, tomo III, vol. IX, p. 30.

em discurso público proferido na mesma igreja, que o rei lhe tinha dado missão de tomar Azamor e não de conquistar Marrakech⁶.

2. O triunfalismo do discurso oficial. Ecos literários e artísticos

Curiosamente, foi bem mais triunfante a imagem difundida sobre o sucesso em Portugal e na Europa. D. Manuel I, logo que recebeu a notícia da tomada de Azamor, divulgou-a no Reino como uma grande vitória. Nesse sentido foram enviadas cartas (19 de Setembro de 1513), acompanhadas de um Memorial, narrando a conquista, a várias individualidades e municipalidades⁷. Festas e procissões de acções de graças realizaram-se um pouco por todo o país. Não faltariam também as benesses aos combatentes, como atestam as inúmeras confirmações de cartas de cavalaria da chancelaria régia.

Ecos do sucesso encontram-se também na literatura portuguesa da época. O já citado dramaturgo Gil Vicente a ele se refere no *Auto da Fama*:

Sabei em África a maior
Flor dos mouros na batalha,
Se se tornaram de palha
Quando foi na d'Azamor.
E, sem combate,
A trinta léguas dão resgate,
Comprando cada mês a vida;
E a atrevida Almedina
E Ceita se tornou parte⁸.

6. Para uma síntese da conquista de Azamor, ver «La conquête d'Azemmour», in *Sources Inédites de l'Histoire du Maroc* (doravante *SIHM*), Première série – Dynastie sa'dienne, Archives et Bibliothèques de Portugal, Paris, Paul Geuthner, 1.^a série, tomo I, 1934, pp. 394-402 e, para informação mais detalhada, ver Durval Pires de Lima, *Azamor. Os precedentes da conquista e a expedição do Duque D. Jaime*, Lisboa, [s.n.], 1930, e Damião Peres, *Conquista do Azamor pelo duque de Bragança D. Jaime em 1513*, Lisboa, Fundação Casa de Bragança, 1951.

7. É conhecida a minuta da carta enviada aos «vereadores, procuradores e procuradores dos mesteres» de Lisboa, bem como a que foi enviada ao arcebispo de Lisboa, Lisboa, 19 de Setembro de 1513, ANTT, *Corpo Cronológico*, parte I, maço 13, docs. 56 e 60, a primeira publicada por António Baião, *Documentos...* cit., pp. 56-57. Quanto ao memorial, apenso à carta endereçada ao arcebispo de Lisboa, deduz-se, com data anterior, aparece publicado em *Alguns Documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo acerca das navegações e conquistas portuguesas*, editados por José Ramos-Coelho, Lisboa, Imprensa Nacional, 1892, pp. 293-294; e em *SIHM*, I, pp. 430-433.

8. Gil Vicente, *Auto da Fama...* cit. Como sublinha David Lopes («Os portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel», in *História de Portugal*, direcção de Damião Peres e Eleutério Cerdeira, Barcelos, Portucalense editora, 1931, vol. III, capítulo V, p. 518, nota 3) há nestes versos dois erros de leitura: «resgate» por «rebate» e «Ceita» por «Tite», pois, como já dito, foram as localidades

mission de s'emparer d'Azemmour et non pas de conquérir Marrakech⁶.

2. Le triomphalisme du discours officieux. Échos littéraires et artistiques

Curieusement et revenant au discours officiel, bien plus triomphante fut l'image diffusée sur le succès au Portugal et en Europe.

Lorsque la prise d'Azemmour fut connue au Portugal, D. Manuel I fit répandre la nouvelle de la grande victoire dans tout le royaume. Des lettres (19 septembre 1513), accompagnées d'un long Mémorial sur la conquête ont été adressées à plusieurs personnalités et municipalités⁷. Aussitôt, des fêtes et des processions d'actions de grâces eurent lieu, un peu partout, au Portugal. Les récompenses aux combattants n'ont pas été négligées non plus, comme en témoignent les nombreuses concessions du grade de chevalier octroyées par la chancellerie royale.

On trouve aussi de nombreux échos du succès dans la littérature portugaise de l'époque. Le déjà cité dramaturge Gil Vicente lui fait référence dans l'*Auto da Fama*:

Sabei em África a maior
Flor dos mouros na batalha,
Se se tornaram de palha
Quando foi na d'Azamor.
E, sem combate,
A trinta léguas dão resgate,
Comprando cada mês a vida;
E a atrevida Almedina
E Ceita se tornou parte⁸.

6. Pour une synthèse de la conquête d'Azemmour, voir « La conquête d'Azemmour, 3 septembre 1513 », in *Les Sources Inédites de l'Histoire du Maroc* (dorénavant *SIHM*), Première série – Dynastie sa'dienne, Archives et Bibliothèques du Portugal, Paris, Paul Geuthner, 1934, tome I, pp. 394-402. Pour une information plus détaillée, voir Durval Pires de Lima, *Azamor. Os precedentes da conquista e a expedição do Duque D. Jaime*, Lisbonne, [s.n.], 1930, et Damião Peres, *Conquista do Azamor pelo duque de Bragança D. Jaime em 1513*, Lisbonne, Fundação Casa de Bragança, 1951.

7. On connaît la minute de la lettre envoyée aux « vereadores, procuradores e procuradores dos mesteres » de Lisbonne, et aussi celle qui a été envoyée au archevêque de Lisbonne, Lisbonne, le 19 septembre 1513, ANTT, *Corpo Cronológico*, parte I, maço 13, docs. 56 e 60, la première pub. António Baião, *Documentos...* cit., pp. 56-57. Quant au Mémorial, attaché à la lettre adressée à l'archevêque de Lisbonne, elle a, on déduit, une date précédente, il est publié dans *Alguns Documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo acerca das navegações e conquistas portuguesas*, edits. par José Ramos-Coelho, Lisbonne, Imprensa Nacional, 1892, pp. 293-294; et dans *SIHM*, I, pp. 430-433.

8. Gil Vicente, *Auto da Fama...* cit. Comme le souligne David Lopes («Os portugueses em Marrocos no tempo de D. Manuel»,

Também no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, uma recolha de poemas, publicado em 1516, três anos depois, se encontram várias menções ao feito militar. Começando pela abertura de tonalidade heróica do poema de João Rodrigues de Sá, a propósito da ida de D. Jaime a Azamor:

Cale-se um pouco, não tanja Tritão,
o deus das batalhas repousa algum tanto,
metam as armas seu medo e espanto
à seita maldita, ó falso Alcorão!⁹

Mas, sobretudo, ecoa nas trovas de Luís Henriques ao duque de Bragança, fazendo em verso uma relação pormenorizada de toda a expedição e estabelecendo uma ligação entre a tomada de Azamor, a globalidade da política expansionista manuelina e a certeza de próxima tomada da Terra Santa pelos portugueses:

Cresce seu mando, seus reinos alarga
per seus capitães na gente infiel,
o gram poderio dos mouros embarga
em gram quantidade per guerra cruel.
Ó mui sereníssimo Rei Manuel,
A espera¹⁰ que trazés será triunfante,
Se com tuas gentes passares avante,
Ganhando a casa que foi d'Israel!¹¹

Anos mais tarde, ainda o mesmo Garcia de Resende, na sua *Miscelânea*, evocaria o acontecimento salientando o elevado número de cavalos integrados na expedição:

Ho duque vimos chegar
A Azamor, logo tomá-lo
Vimos sobr'ele levar
Mais de dous mil de cavalo
Tantas léguas sobre mar;
Non há nenhuma memória
Nem se escreveu em história
De tantos cavalos irem
Sobre mar tão longe e virem
E não falo da vitória¹².

de Almedina e Tite que se despovoaram e não Ceuta que já era portuguesa.

9. Pergunta de João Rodrigues de Sá a Aires Teles, quando o Duque ia a Azamor, *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990, vol. II, pp. 470-473.

10. Hoje «esfera».

11. De Luís Henriques ao duque de Bragança, quando tomou Azamor, em que conta como foi, *Cancioneiro Geral...* cit., vol. II, pp. 297-305.

12. Garcia de Resende *Miscelânea*, verso n.º 161, in *O livro das obras de Garcia de Resende*, edição crítica, estudo textológico e lingüís-

On en trouve également plusieurs mentions dans le *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, un recueil de poèmes, paru en 1516, trois ans après de la prise d'Azemmour. Tout d'abord dans l'ouverture au ton héroïque du poème de João Rodrigues de Sá, concernant le départ de D. Jaime pour Azemmour :

Cale-se um pouco, não tanja Tritão,
o deus das batalhas repousa algum tanto,
metam as armas seu medo e espanto
à seita maldita, ó falso Alcorão!⁹

Mais surtout dans les *trovas* au duc de Bragança de Luís Henriques, une narration détaillée de toute l'expédition, en vers, où l'auteur établit un rapport entre la prise d'Azemmour, et l'ensemble de la politique manuéline tout en exprimant la certitude de la proche conquête de la Terre-Sainte par les portugais :

Cresce seu mando, seus reinos alarga
per seus capitães na gente infiel,
o gram poderio dos mouros embarga
em gram quantidade per guerra cruel.
Ó mui sereníssimo Rei Manuel,
A espera¹⁰ que trazés será triunfante,
Se com tuas gentes passares avante,
Ganhando a casa que foi d'Israel!¹¹

Des années plus tard, toujours le même Garcia de Resende, dans sa *Miscelânea*, évoquerait l'évènement en signalant le nombre élevé de chevaux de l'expédition :

Ho duque vimos chegar
A Azamor, logo tomá-lo
Vimos sobr'ele levar
Mais de dous mil de cavalo
Tantas léguas sobre mar;
Non há nenhuma memória
Nem se escreveu em história
De tantos cavalos irem
Sobre mar tão longe e virem
E não falo da vitória¹².

in *História de Portugal*, direction de Damião Peres et Eleutério Cerdeira, Barcelos, Portucalense editora, 1931, vol. III, chapitre V, p. 518, note 3) il y a deux erreurs de lecture dans ces vers: «resgate» (rachat) par «rebate» (donner l'alarme) et «Ceita» par «Tite», car, comme nous l'avons déjà dit, ce sont les villes d'Almedina et de Tite qui se dépeuplèrent et non Ceuta qui était déjà portugaise.

9. Question de João Rodrigues de Sá à Aires Teles, quand le duc allait à Azemmour, *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, Lisbonne, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990, vol. II, pp. 470-473.

10. Aujourd'hui «esfera» (sphère).

11. De Luís Henriques au duc de Bragança, quand il a pris Azemmour, où il raconte comment ça s'est passé, *Cancioneiro Geral...* cit., vol. II, pp. 297-305.

12. Garcia de Resende *Miscelânea*, vers n.º 161, in *O livro das obras de Garcia de Resende*, édition critique, étude textologique et

A vitória foi também objecto de celebrações artísticas. Sabe-se que uma tapeçaria representando a conquista de Azamor decorava em Lisboa o palácio dos duques de Bragança. Perdeu-se no incêndio que se seguiu ao terramoto de 1755.

Sabe-se também que um fresco sobre o mesmo sucesso existia na escada da casa de Bragança em Vila Viçosa. A ele se referem dois membros da comitiva do cardeal Alexandrino, Miguel Bonelli, delegado pontifício a Espanha, Portugal e França, em 1571. Um deles é o próprio secretário desta embaixada, Giovan Battista Venturino, que, em relação sobre esta missão em terras portuguesas, ao descrever a paragem em Vila Viçosa, informa: «dentro dos paços estão pintadas muitas vitórias alcançadas pelos duques de Bragança, principalmente contra os castelhanos, e no alto da escada se vê a tomada de Azamor»¹³. O outro é o autor anónimo de carta dirigida a Jeronimo Bonelli, irmão do cardeal, que anota: «e la schalla grande, e pinta di tutti i fatti famosi che fece il Padre»¹⁴ «cō mori, cose bella da vedere...»¹⁵ Não subsistiram, todavia, estas pinturas da antiga escadaria, desaparecidas na sequência de grande ampliação do palácio ducal iniciada por D. João I, sexto duque de Bragança (1563-1583) e desenvolvida sobretudo por seu filho D. Teodósio II, sétimo duque de Bragança (1583-1630). É no incremento então dado a novas composições decorativas que é executado o grande fresco sobre a conquista de Azamor que hoje decora os painéis murários da escadaria nobre do palácio ducal. Atribuído ao pintor André Peres, supõe-se datar dos inícios do século XVII. Trata-se de uma composição que se desdobra em três painéis: à esquerda, o «Desembarque das tropas portuguesas»; ao centro, os «Preparativos do cerco»; à direita, o «Cerco e conquista da praça». No seu conjunto, é uma narrativa cénica visando acentuar o heroísmo de D. Jaime e dos protagonistas da Casa de Bragança. Segundo Vítor Serrão, a minúcia descritiva dos trechos da batalha, o rigor da composição e pormenores como as máquinas rolantes atestam os cuidados com que a composição foi concebida, «não sendo de excluir – *acrescenta* – que a leitura dos testemunhos presenciais, senão o perdido desenho

tico por Evelina Verdelho, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, p. 567.

13. Pub. Alexandre Herculano, «Viagem do cardeal Alexandrino», in *Opusculos*, tomo VI, Lisboa, Viuva Bertrand & C.ª Successores Carvalho & C.ª, 1884, pp. 48-93 (citação colhida na p. 59).

14. Ao tempo era sexto duque de Bragança, D. João I, que não era filho, mas neto de D. Jaime de Bragança.

15. Pub. Mário Brandão, «Carta escrita a Jeronimo Bonelli por um membro do séquito de seu irmão o cardeal Alexandrino», in *Estudos Vários*, vol. I, Coimbra, por ordem da Universidade, 1972, pp. 33-38 (citação colhida na p. 35).

La victoire a aussi fait l'objet de célébrations artistiques. Une tapisserie représentant la conquête d'Azemmour qui décorait le palais des ducs de Bragança à Lisbonne, a disparue dans l'incendie qui suivit le tremblement de terre de 1755.

On sait également qu'une fresque représentant le même sujet existait dans les escaliers de la maison de Bragança, à Vila Viçosa. Des références à cette fresque sont faites par deux membres de l'entourage du cardinal Alexandrino, Miguel Bonelli, délégué pontifical en Espagne, au Portugal et en France, en 1571. L'un d'eux est le secrétaire de l'ambassade lui-même, Giovan Battista Venturino, qui, dans son récit sur cette mission en terres portugaises, lors de la description de l'arrêt à Vila Viçosa, informe : « à l'intérieur du palais sont peintes de nombreuses victoires remportées par les ducs de Bragança, principalement contre les castillans, et en haut de l'escalier on voit la prise d'Azemmour »¹³. L'autre est l'auteur anonyme d'une lettre adressée à Jeronimo Bonelli, frère du cardinal, qui note : « e la schalla grande, e pinta di tutti i fatti famosi che fece il Padre »¹⁴ « cō mori, cose bella da vedere... »¹⁵.

Cependant, ces peintures de l'ancien escalier n'ont pas subsisté, suite à l'agrandissement du palais ducal entamé par D. João I, sixième duc de Bragança (1563-1583), et développé surtout par son fils D. Teodósio II, septième duc de Bragança (1583-1630). La grande fresque représentant la conquête d'Azemmour, qui orne aujourd'hui les toiles murales du noble escalier du palais ducal, et attribuée au peintre André Peres est censée dater du début du XVII^e siècle. Elle est le fruit de l'intérêt alors manifesté pour de nouvelles compositions décoratives. Il s'agit d'une composition qui se développe en trois panneaux : à gauche, le « Débarquement des troupes portugaises » ; au centre, les « Préparatifs du siège » ; à droite, le « Siège et conquête de la place ». Pris dans son ensemble, c'est un récit scénique visant à faire ressortir l'heroïsme de D. Jaime et des protagonistes appartenant à la Maison de Bragança.

Selon Vítor Serrão, la minutie descriptive des moments de la bataille, la rigueur de la composition et des détails tels que les machines roulantes attestent du

linguistique par Evelina Verdelho, Lisbonne, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, p. 567.

13. Pub. Alexandre Herculano, «Viagem do cardeal Alexandrino», in *Opusculos*, tomo VI, Lisbonne, Viuva Bertrand & C.ª Successores Carvalho & C.ª, 1884, pp. 48-93 (citation prise p. 59).

14. À l'époque, D. João I était le sixième duc de Bragança, il n'était pas le fils mais le petit-fils de D. Jaime de Bragança.

15. Pub. Mário Brandão, «Carta escrita a Jeronimo Bonelli por um membro do séquito de seu irmão o cardeal Alexandrino», in *Estudos Vários*, vol. I, Coimbra, por ordem da Universidade, 1972, pp. 33-38 (citation prise p. 35).

de Danzilho¹⁶, houvessem inspirado o pintor»; considera ainda provável que o fresco anterior existente na escadaria tenha servido de mote inspirador ao artista André Peres¹⁷.

soin avec lequel la composition a été conçue, « il n'est pas à exclure – *ajoute-t-il* – que la lecture des témoignages présents, sinon le dessin perdu de Danzilho¹⁶, aient inspiré le peintre »; il suppose également probable que la fresque précédente existant dans l'escalier ait servi de motif inspirateur à André Peres¹⁷.



16. Francisco Danzilho, arquitecto (mestre de pedraria) biscainho, que na década de 1510 trabalhou em várias praças marroquinas do Norte. Nessa qualidade acompanhou D. Jaime na conquista de Azamor, o qual, em carta dirigida ao rei, dias após a conquista, referindo-se às grandes dimensões da cidade recém-conquistada e necessidade de a atalhar, escreve «irá a pintura d'isto a Vossa Alteza que mandei fazer a Francisco Dansilha» (Carta do Duque de Bragança a D. Manuel, Azamor, cerca 6 de Setembro 1513, pub. *SIHM*, I, pp. 410-429, citação colhida na p. 429). O contexto em que se insere esta informação indicia que não se tratava de pintura da batalha, mas sim de desenho da cidade. Leitura que, aliás, é feita por Sousa Viterbo, ao considerar «que a pintura não passasse de um debuxo, e que Danzilho fosse um tracista e não um pintor» (*Diccionario historico e documental dos architectos, engenheiros...*, livro I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1895, p. 275).

17. Vítor Serrão, *O fresco maneirista no Paço de Vila Viçosa (1540-1640)*, Casa de Massarelos – Caxias, Fundação da Casa de Bragança, 2008, p. 108.

16. Francisco Danzilho, architecte (maître de pierre), biscayen, qui dans les années 1510 a travaillé sur plusieurs places marocaines du Nord. À ce titre, il a accompagné D. Jaime dans la conquête d'Azemmour, celui-ci, dans une lettre adressée au roi, quelques jours après la conquête, évoquant les grandes dimensions de la ville nouvellement conquise et la nécessité de la *atalhar* (rétrécir), écrit « la peinture de cela parviendra à Votre Altesse, que j'ai fait faire à Francisco Dansilha » (Lettre du duc de Bragança à D. Manuel, Azemmour, circa le 6 Septembre 1513, pub. *SIHM*, I, pp. 410-429, citation prise p. 429). Le contexte dans lequel ces informations sont insérées indique que ce n'était pas une peinture du combat, mais un dessin de la ville. Cette lecture est, d'ailleurs, faite par Sousa Viterbo, qui considère [« que la peinture n'était rien d'autre qu'un dessin, et que Danzilho était un dessinateur et non un peintre »] (*Diccionario historico e documental dos architectos, engenheiros...*, livro I, Lisbonne, Imprensa Nacional, 1895, p. 275).

17. Vítor Serrão, *O fresco maneirista no Paço de Vila Viçosa (1540-1640)*, Casa de Massarelos – Caxias, Fundação da Casa de Bragança, 2008, p. 108.



Fig. 2 – Fresco representando a conquista de Azamor, por André Peres, c. 1600. Escadaria Nobre do Paço Ducal de Vila Viçosa.
Fresque représentant la conquête d'Azemmour, par André Peres, c. 1600. Noble escalier du palais ducal de Vila Viçosa.

Imagem 1 – Desembarque das tropas portuguesas. / Débarquement des troupes portugaises.

Imagem 2 – Preparativos do cerco. / Préparatifs du siège.

Imagem 3 – Cerco e conquista da praça. / Siège et conquête de la place.

3. Projecção europeia – «os campeões da Cristandade»

D. Manuel I apressou-se também a difundir a notícia da conquista na Europa. Data de 30 de Setembro de 1513 carta escrita ao papa Leão X, na qual, como era habitual nas «cartas das novas», fornece um verdadeiro relatório do sucesso. No final duma longa narrativa, mencionando todos os detalhes do empreendimento, exprime mesmo a sua convicção de que, a breve prazo, levaria a cabo a conquista de todo o reino de Marraquexe e daria um golpe mortal na religião de Maomé. É bem provável que, como era hábito, cartas similares tivessem sido enviadas também a governantes europeus, mas delas não temos testemunhos. Certa foi a divulgação da notícia por várias cortes europeias, através das redes diplomáticas sediadas na Cúria Romana. Como salienta Yves Renouard, Roma, nesta época, «est le centre postal international le plus actif d'Italie et sans doute d'Europe: des nouvelles politiques, militaires, commerciales, spirituelles y convergent et en partent par tous les moyens. (...) La Ville Éternelle est le centre le mieux informé des nouvelles de toute la chrétienté, celui aussi d'où sont également diffusées dans toutes les directions les nouvelles ainsi rassemblées»¹⁸.

A carta de D. Manuel I ao papa Leão X foi traduzida para latim e publicada provavelmente em 1514, em Roma, sob título *Epistola Potentissimi av Inuictissimi Emanuelis Regis Portugalliae & Algarbiorum &c. De Victoriis nuper in Affrica habitis. Ad S. in christo patrem & dñm Nostrum dñm Leonem. X. Pont. Max.* Em forma abreviada, *De Victoriis nuper in Affrica habitis*. Trata-se de opúsculo, muito raro, com quatro fólios in-4.º, sem data, nem local, nem nome de impressor¹⁹.

18. Yves Renouard, «Information et transmission des nouvelles», in Charles Samaran (dir.), *L'Histoire et ses méthodes*, Paris, Gallimard, 1961, p. 125.

19. Texto da carta em latim pub. *SIHM*, I, pp. 434-437. Sob título «Carta das novas que el-rei D. Manuel enviou ao papa da tomada d'Azamor», conserva-se na Biblioteca Nacional de Portugal, *Manuscritos Alcobacenses*, n.º 297, ff. 112v-113r, uma versão portuguesa desta carta (pub. Afonso de Dornellas, *História e Genealogia*, tomo V, Lisboa, 1919, pp. 14-15) que Pierre de Cenival pensa tratar-se do original português da carta depois impressa em latim (*SIHM*, I, pp. 434-435, nota 1). No entanto, Luís de Matos, tendo relevado dois passos omissos desta carta relativamente ao impresso, conclui ser ela, ao invés, uma tradução da versão latina (Luís de Matos, *L'Expansion Portugaise dans la littérature latine de la Renaissance*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, p. 331, nota 35).

3. La projection européenne – «les champions de la Chrétienté»

D. Manuel I s'est également empressé de diffuser la nouvelle en Europe. Le 30 septembre 1513, il écrit une lettre au pape Léon X, dans laquelle comme c'était la coutume dans les «cartas das novas» (lettres des nouvelles), est présenté un véritable rapport du succès. Au bout d'un long récit, mentionnant tous les détails de l'entreprise, il va même exprimer sa conviction qu'à brève échéance il lui sera possible de conquérir tout le royaume de Marrakech et de porter, ainsi, le coup mortel à la religion de Mahomet. Il est très probable que, comme d'habitude, des lettres similaires aient également été envoyées aux gouvernements européens, mais nous n'en avons aucun témoignage. Il est, cependant, sûr que la nouvelle a été diffusée par plusieurs cours européennes à travers des réseaux diplomatiques basés à la Curie Romaine. Comme le souligne Yves Renouard, Rome, à ce moment-là, «est le centre postal international le plus actif d'Italie et sans doute d'Europe: des nouvelles politiques, militaires, commerciales, spirituelles y convergent et en partent par tous les moyens. (...) La Ville Eternelle est le centre le mieux informé des nouvelles de toute la chrétienté, celui aussi d'où sont également diffusées dans toutes les directions les nouvelles ainsi rassemblées»¹⁸.

La lettre de D. Manuel I à Léon X, traduite en latin, a été publiée probablement en 1514, à Rome, sous le titre: *Epistola Potentissimi av Inuictissimi Emanuelis Regis Portugalliae & Algarbiorum &c. De Victoriis nuper in Affrica habitis. Ad S. in christo patrem & dñm Nostrum dñm Leonem. X. Pont. Max.* En titre abrégé, *De Victoriis nuper in Affrica habitis*. C'est un opuscule, très rare, de quatre folios in-4.º, sans date, sans lieu d'impression ni nom d'imprimeur¹⁹.

18. Yves Renouard, «Information et transmission des nouvelles», in Charles Samaran (dir.), *L'Histoire et ses méthodes*, Paris, Gallimard, 1961, p. 125.

19. Texte de la lettre en latin publié *SIHM*, I, pp. 434-437. Sous le titre [«Lettre des nouvelles que le roi Manuel a envoyée au pape de la prise d'Azamor»], il se préserve à la Biblioteca Nacional de Portugal, *Manuscritos Alcobacenses*, n.º 297, ff. 112v-113r, une version portugaise de cette lettre (pub. Afonso de Dornellas, *História e Genealogia*, tomo V, Lisboa, 1919, pp. 14-15) que Pierre de Cenival pensait être l'original portugais de la lettre imprimée plus tard en latin (*SIHM*, I, pp. 434-435, nota 1). Cependant, Luís de Matos, ayant trouvé deux passages manquants de cette lettre par rapport à l'imprimé, conclut qu'elle est plutôt une traduction de la version latine (Luís de Matos, *L'Expansion Portugaise dans la littérature latine de la Renaissance*, Lisbonne, Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, p. 331, nota 35).

EPISTOLA
Potentissimi : ac Inuictissimi
Emanuelis Regis Portugallie
z Algarbioꝝ zc. De Victoriis
nup̄ in Affrica habitis. Ad S̄.
in xp̄o patrem z dñm nostrum
dñm Leonē. X. Pont. Max.



Fig. 3 – Carta de D. Manuel I ao papa Leão X sobre a conquista de Azamor, traduzida em latim (1514?)
 Lettre de D. Manuel I au pape Léon X sur la conquête d’Azemmour, traduite en latin (1514?)

São conhecidas três edições em latim desta carta, as duas primeiras impressas possivelmente em Roma e a última em Basileia. Também foi traduzida em italiano, tradução que aliás ficou inédita. Numerosas são também as notícias fazendo menção à difusão desta carta na Europa. Acrescente-se ainda que ela foi utilizada, como fonte, por um número considerável de historiadores da Renascença.

Além desta divulgação através da carta manuelina, conhece-se um poemeto composto em italiano por autor anónimo, intitulado *La Victoria de lo Serenissimo et iuictissimo Emanuele Re de Portugallo &c. hauta nouanente contra Mori & la presa de Azomor & de Almedina & altre terre nel regno de Marrochia*, o qual, segundo Luís de Matos, teria sido impresso em Roma, no ano de 1514²⁰. A carta de D. Manuel I ao papa

20. Deste opúsculo só é conhecido um exemplar; teria sido propriedade de Fernando Colombo, filho de Cristóvão Colombo, e conserva-se na Biblioteca Colombina de Sevilha. Cf. Luís de Matos, «La Victoria contro Mori e la presa di Azimur», *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, vol. I, n.º 2 (Abril-Junho 1960), p. 217.

Trois éditions de cette lettre en version latine, sont connues, les deux premières probablement imprimées à Rome et la dernière à Bâle. Elle a également été traduite en italien, une traduction qui n’a jamais été publiée. Nombreuses aussi sont les notices faisant mention à la diffusion de cette lettre en Europe. Et il faut ajouter encore qu’elle a été utilisée, comme source, par un nombre considérable d’historiens de la Renaissance.

À cette divulgation par la lettre manuéline elle-même, ajoutons un poème composé en italien par un auteur anonyme et intitulé *La Victoria de lo Serenissimo et iuictissimo Emanuele Re de Portugallo &c. hauta nouanente contra Mori & la presa de Azomor & de Almedina & altre terre nel regno de Marrochia*, probablement imprimé à Rome en 1514²⁰. La lettre de D. Manuel I au

20. De cet opuscule, un seul exemplaire est connu; il aurait été la propriété de Fernando Colombo, fils de Christophe Colomb, et il se conserve dans la bibliothèque Colombienne de Séville. Cf. Luís de Matos, «La Victoria contro Mori e la presa di Azimur», *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, vol. I, n.º 2 (Abril-Junho 1960), p. 217.

Leão X, na sua versão latina, foi a fonte em que se apoiou o poeta anónimo para compor as suas trinta e duas estrofes. Trata-se de uma espécie de crónica rimada – ao que parece uma versão popular destinada a ser cantada nas ruas – sobre a conquista de Azamor, permitindo-se o autor, além disso, traçar um retrato elogioso do rei D. Manuel I e incitar os príncipes cristãos, que se digladiavam em batalhas domésticas, a seguir o exemplo do rei português²¹.

pape Léon X, dans sa version latine, fut la source où puisa le poète anonyme pour composer ses trente-deux strophes. Il s'agit d'une sorte de chronique rimée autour de la prise d'Azemmour, peut-être une version populaire destinée à être chantée dans les rues. Par ailleurs, l'auteur dresse un portrait élogieux du roi D. Manuel I et incite les princes chrétiens, qui se disputaient en batailles domestiques, à suivre l'exemple du roi portugais²¹.

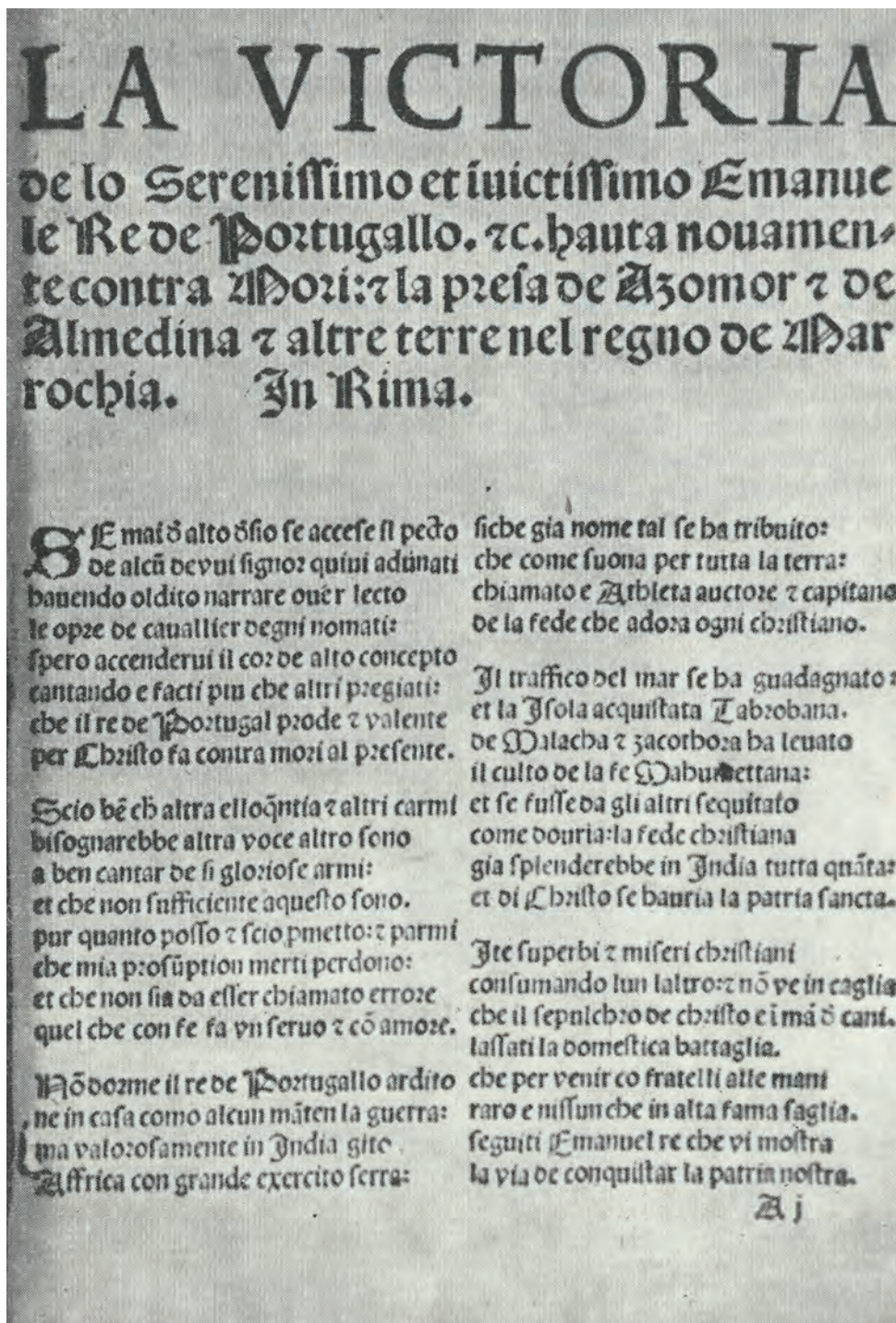


Fig. 4 – Poema em italiano de autor anónimo sobre a conquista de Azamor, (1514?).
Poème en italien d'auteur anonyme sur la conquête d'Azemmour, (1514?).

21. Para o texto integral do poema italiano, ver Luís de Matos, «La Victoria contro Mori...» cit., pp. 214-222.

21. Pour le texte intégral du poème en italien, voir Luís de Matos, «La Victoria contro Mori...» cit., pp.214-222.

Notáveis foram as cerimónias promovidas pelo papa Leão X, em Janeiro de 1514, para celebrar o feito militar português. Assim, a 3 de Janeiro, a leitura da carta de D. Manuel I ao Colégio dos Cardeais, foi seguida de uma missa celebrada em S. Pedro pelo cardeal del Monte. No domingo, 8 de Janeiro, o papa, acompanhado pelos cardeais e embaixadores, dirigiu-se a cavalo à igreja de Santo Agostinho, para participar numa segunda missa de acção de graças, celebrada pelo cardeal Pompeo Colonna e para ouvir o cónego Capella²² evocar as numerosas vitórias dos reis de Portugal contra os «infiéis» e, a propósito, condenar as guerras dos príncipes cristãos entre si que, segundo ele, haviam levado, além do mais, à perda de Constantinopla.

Notáveis foram também os festejos que se seguiram em Roma, promovidos pela Santa Sé: fogo de artifício, salvas de artilharia e, durante duas noites, Roma foi iluminada de tal forma que a cidade parecia arder em fogo. Testemunho ocular destas celebrações foi o «fidalgo de Chaves», servidor de D. Jaime de Bragança, que então se encontrava em Roma, e assim as descreve: «À noite acenderam luminárias per toda a cidade, assi nas torres e paços dos cardeais e grandes senhores e cidadãos como nas ruas e portas deles, queimando pipas cheias de lenha, de maneira que parecia a cidade arder em fogo. E o castelo de Santo Ângelo era cheio das ditas luminárias. E por grande espaço tirou a artilharia da qual o fumo tolhia a vista do castelo. Depois os foguetes que do castelo e dos sobreditos paços e torres lançavam eram muito espessos em todas as partes do ar»²³.

Sem dúvida, foram tempos de grande projecção da expansão portuguesa em Roma e na Europa. Nas palavras de Sylvie Deswarte, os portugueses eram então vistos como «campeões da Cristandade»²⁴. A este propósito são significativas as palavras que o já citado «fidalgo de Chaves» põe na boca de frei Isidro de Viterbo, geral da ordem de Santo Agostinho: «dizia em suas pregações que não queria alcançar mais bem-aventurança neste mundo que ser natural português»²⁵.

De facto, e cingindo-nos aos anos de 1513-1514, Leão X, pouco após a sua elevação ao pontificado,

Les cérémonies promues par le pape Léon X, en janvier 1514, pour célébrer le fait d'armes portugais ont été remarquables. Ainsi, le 3 janvier, la lecture de la lettre de D. Manuel I devant le Collège des Cardinaux a été suivie d'une messe célébrée à Saint Pierre par le cardinal del Monte. Le dimanche, 8 janvier, le pape, accompagné des cardinaux et des ambassadeurs, s'est rendu à cheval à l'église de Saint Augustin, pour participer à une seconde messe célébrée, par le cardinal Pompeo Colonna, et pour entendre le chanoine Capella²² rappeler les nombreuses victoires des rois du Portugal sur les « infidèles », et condamner, en passant, les guerres tenues par les princes chrétiens entre eux, qui, selon lui, avaient en outre conduit à la perte de Constantinople.

Remarquables ont été aussi les festivités qui se sont suivies à Rome, promues par le Saint Siège : il y a eu des feux de joie, des salves d'artillerie et deux nuits durant lesquelles la ville a été illuminée de telle sorte qu'on dirait qu'elle avait pris feu. Un des témoins oculaires de ces célébrations fut le « fidalgo de Chaves », serviteur de D. Jaime de Bragança, alors à Rome, qui les décrit ainsi : « La nuit, ils allumaient des luminaires dans toute la ville, aussi bien dans les tours et les palais des cardinaux et des grands seigneurs et citoyens que dans leurs rues et leurs portes, brûlant des tonneaux remplis de bois, de sorte que la ville semblait dévorée par le feu. Et le château de Santo Ângelo était plein de ces luminaires. Et pendant un long moment l'artillerie a tiré et la fumée bloquait la vue sur le château. Ensuite, les fusées lancées du château et des palais et tours étaient très épaisses partout dans l'air »²³.

Ce furent sans doute des temps de grande projection à Rome et en Europe de l'expansion portugaise. Selon les mots de Sylvie Deswarte, les portugais étaient alors vus comme les « champions de la Chrétienté »²⁴. A ce propos, les mots que le « fidalgo de Chaves », cité précédemment, place dans la bouche de frère Isidro de Viterbe, général de l'ordre de saint Augustin, sont significatifs : « il se plaisait à dire dans ses sermons qu'il ne désirait rien de plus en ce monde que d'être portugais »²⁵.

En effet et nous confinant aux années 1513-1514, Léon X, peu de temps après son élévation au ponti-

22. Bernardino Capella, um dos poetas da Corte de Leão X.

23. *Memórias de um fidalgo de Chaves: um olhar português sobre a Itália do Renascimento*, edição de Paulo Catarino Lopes, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa da Faculdade de Teologia / Universidade Católica Portuguesa, 2017, p. 116.

24. Sylvie Deswarte, «Un nouvel Âge d'Or. La gloire des Portugais à Rome sous Jules II et Léon X», in *Humanismo Português na Época dos Descobrimentos*, Actas do Congresso Internacional (Coimbra, 1991), Coimbra, 1993, pp. 125-152 (citação colhida na p. 127).

25. *Memórias de um fidalgo de Chaves...* cit., p. 125.

22. Bernardino Capella, un des poètes de la Cour de Léon X.

23. *Memórias de um fidalgo de Chaves: um olhar português sobre a Itália do Renascimento*, éditions de Paulo Catarino Lopes, Lisbonne, Centro de Estudos de História Religiosa da Faculdade de Teologia / Universidade Católica Portuguesa, 2017, p. 116.

24. Sylvie Deswarte, «Un nouvel Age d'Or. La gloire des Portugais à Rome sous Jules II et Léon X», in *Humanismo Português na Época dos Descobrimentos*, Actas de congresso internacional (Coimbra, 1991), Coimbra, 1993, pp. 125-152 (citation prise p. 127).

25. *Memórias de um fidalgo de Chaves...* cit., p. 125.

recebia a primeira carta das novas de D. Manuel I, datada de 6 Junho de 1513. Nela o rei português relatava os êxitos militares de Afonso de Albuquerque no Oriente. Tinha chegado a Ormuz, tinha conquistado Goa e, mais recentemente, a «Aurea Chernonesus, chamada Malaca pelos nativos», realçando tratar-se do «mais célebre entreposto não somente de toda a sorte de especiarias, mas também de ouro, prata, pérolas e pedras preciosas». Esta carta, vulgarmente conhecida por *Epistola de victoriis habitis in India et Malaca*²⁶, foi logo impressa em Roma por Jacobum Mazochium, seguindo-se doze edições no espaço de quarenta anos, em Roma, Colónia, Ehrfurt, Viena, Estrasburgo, Paris e Basileia. Conhecendo-se dela duas traduções em italiano e duas outras em alemão, todas impressas²⁷. Nos festejos que então se realizaram em Roma, Camilo Porzio, cônego da basílica de S. Pedro, proferiu encomiástica oração celebrando a nova conquista portuguesa.

Alguns meses depois, chegava a nova da conquista de Azamor, seguida, como referido, de grandes celebrações em Roma no início de 1514. Uma sucessão de acontecimentos felizes que culminaria com a sumptuosa e exótica embaixada portuguesa ao papa Leão X, em Março desse mesmo ano, sob a chefia de Tristão da Cunha. Na oração de obediência então proferida por Diogo Pacheco, incidindo especialmente sobre os mais recentes triunfos políticos e militares portugueses, não é esquecida a tomada de Azamor pelo duque de Bragança, no ano precedente²⁸.

Na verdade, o discurso eufórico em torno da conquista de Azamor, conquista assumida por D. Manuel I como ponto de partida para a do emirado hintata de Marraquexe²⁹, desencadeou uma onda de optimismo na Cristandade. Logo após as grandes celebrações promovidas pela Santa Sé, Leão X, em breve papal de 18 de Janeiro de 1514, felicitava o rei português pela vitória alcançada³⁰. Seguir-se-iam, no mesmo ano: a 8 de Março, bula concedendo indulgência de cru-

ficat, avait reçu la première lettre de nouvelles de D. Manuel I, datée du 6 juin 1513 racontant les succès militaires d'Afonso de Albuquerque en Orient. Il était arrivé à Ormuz, avait conquis Goa et, plus récemment, l'«Aurea Chernonesus, appelée Malacca par les indigènes», soulignant que c'est «l'entrepôt le plus célèbre, non seulement de toutes sortes d'épices, mais aussi d'or, d'argent, de perles». Cette lettre, communément appelée *Epistola de victoriis habitis in India et Malaca*²⁶, fut bientôt imprimée à Rome par Jacobum Mazochium, suivie de douze éditions en l'espace de quarante ans, à Rome, Cologne, Ehrfurt, Vienne, Strasbourg, Paris et Bâle. Deux traductions en italien et deux en allemand sont connues, toutes en version imprimée²⁷. Dans les festivités qui ont eu lieu ensuite à Rome, Camilo Porzio, chanoine de la basilique de S. Pedro, a prononcé une oraison laudative célébrant la nouvelle conquête portugaise.

Quelques mois plus tard, la nouvelle de la conquête d'Azemmour avait lieu, suivie, comme nous l'avons évoqué, de grandes célébrations à Rome au début de 1514. Une succession d'événements heureux qui culminerait à la somptueuse et exotique ambassade portugaise envoyée au pape Léon X, en mars de la même année, sous la direction de Tristão da Cunha. Dans le discours d'obédience alors proféré par Diogo Pacheco, se concentrant notamment sur les plus récents triomphes politiques et militaires portugais, la prise d'Azemmour par le duc de Bragança l'année précédente ne fut pas oubliée²⁸.

En fait, le discours euphorique autour de la conquête d'Azemmour, conquête assumée par D. Manuel I comme point de départ de celle de l'émirat hintata de Marrakech²⁹, a déclenché une vague d'optimisme dans la Chrétienté. Tout de suite après les grandes célébrations promues par le Saint-Siège, Léon X, par un bref pontifical du 18 janvier 1514, félicita le roi portugais de la victoire remportée³⁰. Ce bref serait suivi, la même année, par : le 8 mars, bulle accordant l'indulgence

26. Título completo: *Epistola Potentissimi ac Inuictissimi Emanuelis Regis Portugaliae & Algarbiorum &c. De Victoriis habitis in India & Malacha. Ad S. in Christo Patrem & Dñm Nostrum Dñm Leonem. X. Pont. Maximum.*

27. Luís de Matos, «La Victoria contro Mori...» cit., p. 216.

28. Este discurso de obediência teria sido publicado em Roma em 1514, mas sem indicação do local, data e nome de impressor. Sobre este discurso, ver Luís de Matos, «La Victoria contro Mori...» cit., pp. 181-183.

29. O emirado de Marraquexe, frequentemente designado como reino, dependia teoricamente do reino de Fez, mas de facto actuava como independente.

30. ANTT, *Colecção de Bulas*, maço 28, n.º 8, pub., entre outros, em *Alguns Documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo...* cit., pp. 350-351. Nas *Memórias do fidalgo de Chaves...* cit., pp. 118-120, é fornecida transcrição deste breve papal, ff. 175-176, pp. 118-120 da edição.

26. Titre complet: *Epistola Potentissimi ac Inuictissimi Emanuelis Regis Portugaliae & Algarbiorum &c. De Victoriis habitis in India & Malacha. Ad S. in Christo Patrem & Dñm Nostrum Dñm Leonem. X. Pont. Maximum.*

27. Luís de Matos, «La Victoria contro Mori...» cit., p. 216.

28. Ce discours d'obédience aurait été publié à Rome en 1514, mais sans indication du lieu d'impression, ni du nom de l'imprimeur. Sur ce discours voir Luís de Matos, «La Victoria contro Mori...» cit., pp. 181-183.

29. L'émirat de Marrakech, souvent appelé royaume, dépendait théoriquement du royaume de Fès, mais agissait en fait comme un royaume indépendant.

30. ANTT, *Colecção de Bulas*, maço 28, n.º 8, pub., entre autres, *Alguns Documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo...* cit., pp. 350-351. Dans les *Memórias de um fidalgo de Chaves...* cit., pp. 118-120, est fournie une transcription de ce bref pontifical.

zada a todos os portugueses que combatessem os «infieis» de África (*entenda-se* «Norte de África»)³¹; a 29 de Abril, bula concedendo a D. Manuel e seus sucessores a terça parte das receitas eclesiásticas do Reino e conquistadas, para continuação da guerra em África³²; a 7 de Junho, bula submetendo à jurisdição da Ordem de Cristo todas as igrejas existentes ou a criar nos territórios do reino de Marraquexe e concedendo aos reis de Portugal o padroado delas³³; a 17 de Junho e dando como próxima a conquista da cidade marroquina, o papa solicitava a D. Manuel I colocasse D. Martin Cabeça de Vaca na posse do respectivo bispado³⁴.

4. Ambições manuelinas em Marrocos

O rol de bulas e breves papais emanados na sequência da vitória de Azamor testemunha as expectativas depositadas na progressão da expansão portuguesa em Marrocos. E, de facto, Azamor perfilava-se como base estrategicamente colocada para estender o domínio português à Enxovia, região situada a Norte e cobijada pela riqueza cerealífera das suas planícies, como aliás o atestam as várias entradas aí levadas a cabo pelos portugueses logo após a conquista da cidade. Por outro lado, Azamor constituiu-se também como importante bastião do limite setentrional da vasta área de «mouros de pazas» (tribos muçulmanas vassalas que, a troco de protecção, pagavam tributos e disponibilizavam contingentes militares aos portugueses para as suas expedições no terreno). Tratava-se de uma espécie de protectorado que, no caso, compreendia a confederação chamada Duquela, ela própria formada por três grandes tribos: Abda, Garbia e Xerquia. Constituído cerca de 1510, teve como principal obreiro o célebre Nuno Fernandes de Ataíde, capitão de Safim³⁵, secundado pelo não menos célebre

31. ANTT, *Colecção de Bulas*, maço 21, n.º 12, resumo pub. em *Alguns Documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo...* cit., p. 352.

32. ANTT, *Colecção de Bulas*, maço 20, n.º 32, resumo pub. em *Alguns Documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo...* cit., p. 356.

33. ANTT, *Colecção de Bulas*, maço 21, n.º 13, pub. em *Alguns Documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo...* cit., pp. 358-361.

34. ANTT, *Colecção de Bulas*, maço 37, n.º 40, pub. *SIHM*, I, pp. 569-571. O bispado de Marraquexe fora criado no século XIII, mas o bispo titular não tinha senão direitos puramente teóricos.

35. Sobre a actuação deste capitão, ver André Pinto S. D. Teixeira, «Nuno Fernandes de Ataíde, o nunca está quedo, capitão de Safim», in *A Nobreza e a Expansão. Estudos biográficos*, coord. de João Paulo Oliveira e Costa, Cascais, Patrimonia Historica, pp. 161-205; e Fernando Pessanha, «Nuno Fernandes de Ataíde, 'o nunca está quedo', de alcaide de Alvor a capitão e governador de Safim», *Anais do Município de Faro*, vol. XXXIX, 2017, pp. 43-59.

de la croisade à tous les portugais qui combattrait les « infidèles » d'Afrique (*voir* « Afrique du Nord »)³¹; le 29 avril, bulle accordant à D. Manuel I et à ses successeurs la tierce partie des revenus ecclésiastiques du royaume et conquêtes, pour la poursuite de la guerre en Afrique³²; le 7 juin, bulle soumettant à la juridiction de l'Ordre du Christ toutes les églises existantes ou à créer sur les territoires du royaume de Marrakech et accordant aux rois du Portugal leur patronage³³; le 17 juin et prenant la conquête de Marrakech comme prochaine, bref papal demandant à Manuel I de placer D. Martin Cabeça de Vaca en possession de l'évêché respectif³⁴.

4. Des ambitions manuélines au Maroc

La liste de bulles et de brefs émanés par le Saint Siège après la victoire d'Azemmour témoigne des attentes qui misaient sur les progrès de l'expansion portugaise au Maroc. Et, en réalité, Azemmour se présentait comme une base stratégiquement placée pour étendre le domaine portugais à la Shâwiya, une région située au nord et convoitée par la richesse céréalière de ses plaines, comme l'attestent les différentes descentes effectuées par les portugais tout de suite après la conquête de la ville. Par ailleurs, Azemmour s'est également constitué comme un bastion important de la limite septentrionale de la vaste zone des « maures de paix » (tribus vassales musulmanes qui, en échange de protection, payaient des tributs et mettaient des contingents militaires à disposition des portugais pour leurs expéditions sur le terrain). C'était une sorte de protectorat qui, en l'occurrence, comprenait la confédération appelée Doukkala, dont faisait partie trois grandes tribus: l'Abda, la Gharbya et la Cherkiya. Constitué vers 1510, son principal promoteur fut le célèbre Nuno Fernandes de Ataíde, capitaine de Safim³⁵, secondé par le non moins célèbre

31. ANTT, *Colecção de Bulas*, maço 21, n.º 12, résumé pub. en *Alguns Documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo...* cit., p. 352.

32. ANTT, *Colecção de Bulas*, maço 20, n.º 32, résumé pub. en *Alguns Documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo...* cit., p. 356.

33. ANTT, *Colecção de Bulas*, maço 21, n.º 13, pub. en *Alguns Documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo...* cit., pp. 358-361.

34. ANTT, *Colecção de Bulas*, maço 37, n.º 40, pub. *SIHM*, I, pp. 569-571. L'évêché de Marrakech a été créé au XII^{ème} siècle, mais l'évêque titulaire n'avait que des droits purement théoriques.

35. Sur les actions de ce capitaine, voir André Pinto S. D. Teixeira, « Nuno Fernandes de Ataíde, o nunca está quedo, capitão de Safim », in *A Nobreza e a Expansão. Estudos biográficos*, coord. de João Paulo Oliveira e Costa, Cascais, Patrimonia Historica, pp. 161-205; et Fernando Pessanha, « Nuno Fernandes de Ataíde, 'o nunca está quedo', de alcaide de Alvor a capitão e governador de Safim », *Anais do Município de Faro*, vol. XXXIX, 2017, pp. 43-59.

bre Bentafufa, alcaide desses «mouros de pazés»³⁶. No sentido de estender para interior o controle português nesta região, registam-se, entre 1514 e inícios de 1515, várias incursões ofensivas dinamizadas pelos portugueses, a partir quer de Azamor quer de Safim. Chegando-se nalgumas delas às portas da própria cidade de Marraquexe. A falta de resposta do emir às referidas investidas parecia tornar fácil a tomada da cidade. Aliás, em Agosto de 1514, o emir hintata chegara a admitir submeter-se à suserania portuguesa, mas as negociações então encetadas acabariam por abortar face às pesadas exigências de D. Manuel I. Não admira, por isso, que se propagasse a convicção de que a breve prazo o emirado seria conquistado. D. Álvaro de Ataíde, em carta a D. Manuel, datada de 25 de Janeiro de 1515, após uma das referidas incursões, incitava o monarca português a passar ao Norte de África, acompanhado de um dos seus filhos, a fim de o coroar rei de Marraquexe³⁷.

De sublinhar ainda a capacidade de resposta das forças militares portuguesas no terreno aos ataques dos adversários marroquinos. A batalha campal, ocorrida em Bulauão a 14 de Abril de 1514, disso é um exemplo eloquente. Nela, os portugueses, congregando guerreiros de Azamor e de Safim e um significativo contingente de «mouros de pazés», conseguiram cortar o passo ao exército muçulmano que, sob o comando de dois alcaides do reino de Fez, visava atacar Azamor³⁸.

Sucessos que alimentaram também a ambição manuelina de conquista do reino de Fez, ao tempo a principal força política e militar muçulmana em território marroquino³⁹. E, na verdade, a conjuntura parecia propícia a apertar o «cerco» a esse reino. Primeiro, porque a eventual submissão do emirado de Marraquexe, perfilando-se iminente, resultaria na formação de uma frente de pressão, a sul, contra o referido reino. Depois, porque o projecto de D. Manuel I, pelo menos desde 1507, de ocupar posições na costa da Enxovia e do Garb, preenchendo o hiato entre as pos-

Yahyā u Ta'fūft, caïd de ces «maures de paix»³⁶. Afin d'étendre le contrôle portugais à l'intérieur de cette région, plusieurs incursions offensives, à partir soit d'Azemmour soit de Safi, ont été effectuées par les portugais, entre 1514 et le début de 1515, arrivant parfois aux portes de la ville de Marrakech. Le manque de réponse de l'émir à ces avancées semblait faciliter la prise de la ville. D'ailleurs, en août 1514, l'émir hintata avait même admis se soumettre à la suzeraineté portugaise, mais les négociations alors engagées finiraient par avorter à cause des lourdes exigences de D. Manuel I. Il n'est donc pas étonnant que la conviction se soit répandue que l'émirat serait bientôt conquis. D. Álvaro de Ataíde, dans une lettre à D. Manuel, datée du 25 janvier 1515, après l'une des incursions susmentionnées, incitait le monarque portugais à passer en Afrique du Nord, accompagné d'un de ses fils, afin de le couronner roi de Marrakech³⁷.

On peut souligner aussi la capacité de réponse des forces militaires portugaises sur le terrain face aux attaques des opposants marocains. La bataille qui s'est tenue à Bulauão, le 14 avril 1514, en est un exemple éloquent. Dans le cas, les portugais, rassemblant des guerriers d'Azemmour et de Safi et un important contingent de «maures de paix», ont réussi à couper la route à l'armée musulmane que sous le commandement de deux caïds du royaume de Fès avait l'intention d'attaquer Azemmour³⁸.

Ces succès ont aussi nourri l'ambition manueline de conquérir le royaume de Fès, à l'époque la principale force politique et militaire musulmane sur le territoire marocain³⁹. En effet, la situation semblait favorable à un resserrement du «siège» à ce royaume. D'abord, parce que, l'éventuelle soumission de l'émirat de Marrakech, se profilant de façon imminente, se traduirait par la formation d'un front de pression, au sud, contre ce royaume. Ensuite, parce que le projet de D. Manuel I, au moins depuis 1507, d'occuper des positions sur la côte de la Shâwiya et du Gharb, com-

36. Sobre esta controversa figura, ver Bernard Rosenberger, «Yahyā u Tâ'fuft (1506-1518) des ambitions déçues», *Hespéris-Tamuda*, vol. XXXI (1993), pp. 21-59; Matthew T. Racine, «Service and Honor in Sixteenth-Century Portuguese North Africa: Yahya-u-Ta'fuft and Portuguese Noble Culture», *Sixteenth Century Journal*, n.º 32 (2001), pp. 67-90; Maria Augusta Lima Cruz, «Mouro para os cristãos e cristão para os mouros: o caso Bentafufa», *Anais de História Além-Mar*, vol. III, 2002, pp. 39-63.

37. Carta de D. Álvaro de Ataíde a D. Manuel I, Safim, 25 de Janeiro de 1515, ANTT, *Corpo Cronológico*, parte I, maço 17, doc. 61, pub. SIHM, I, pp. 677-681 (informação colhida na p. 680).

38. Sobre esta batalha, ver João Paulo Oliveira e Costa e Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *A Batalha dos Alcaides, 1514 – No apogeu da presença portuguesa em Marrocos*, Lisboa, Tribuna da História, 2007.

39. No século XVI, este reino, abarcando o norte de Marrocos, tinha como limite meridional o rio Morbeia.

36. Sur ce personnage polémique, voir Bernard Rosenberger, «Yahyā u Tâ'fuft (1506-1518) des ambitions déçues», *Hespéris-Tamuda*, vol. XXXI (1993), pp. 21-59; Matthew T. Racine, «Service and Honor in Sixteenth-Century Portuguese North Africa: Yahya-u-Ta'fuft and Portuguese Noble Culture», *Sixteenth Century Journal*, n.º 32 (2001), pp. 67-90; Maria Augusta Lima Cruz, «Mouro para os cristãos e cristão para os mouros: o caso Bentafufa», *Anais de História Além-Mar*, vol. III, 2002, pp. 39-63.

37. Lettre de D. Álvaro de Ataíde à D. Manuel I, Safi, le 25 janvier 1515, ANTT, *Corpo Cronológico*, parte I, maço 17, doc. 61, pub. SIHM, I, pp. 677-681 (information prise p. 680).

38. Sur cette bataille, voir João Paulo Oliveira e Costa et Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *A Batalha dos Alcaides, 1514 – No apogeu da presença portuguesa em Marrocos*, Lisbonne, Tribuna da História, 2007.

39. Au XVI^{ème} siècle, ce royaume, englobant le nord du Maroc, avait pour limite sud la rivière 'Oum er-Rbia.

sessões portuguesas setentrionais e as meridionais, cortaria ou, pelo menos, dificultaria o acesso de Fez ao mar. Neste sentido apontava a missão, despachada em finais de Setembro de 1514, com a finalidade de estudar sítio favorável para implantação de uma fortaleza portuguesa na foz do Cebu, em Mamora, a que se seguiria uma outra em Anafé⁴⁰.

5. Ambições frustradas

Mas, o choque com a realidade acabaria por deitar por terra esse objectivo de conquista, tantas vezes abortado e adiado, que Marcel Bataillon caracterizou como «un mythe national et religieux, un rêve de croisade hérité du XV^{ème} siècle»⁴¹.

Com efeito, em breve as forças militares portuguesas sofreriam os seus primeiros desaires.

Em Abril de 1515, um ataque a Marraquexe resultou num insucesso. Uma expedição que contou com um significativo apoio das tropas muçulmanas aliadas, 2.500 homens, além de 550 guerreiros portugueses, todos sob o comando supremo de Nuno Fernandes de Ataíde, capitão de Safim, e de D. Pedro de Sousa, capitão de Azamor. Contrariamente à passividade do emir de Marraquexe aquando dos raids anteriores, as tropas portuguesas enfrentaram a defesa e contra-ataque aguerridos do emirado que contava com a ajuda de um dos xarifes de Suz e de um alcaide do rei de Fez com numerosas gentes de guerra. Face à imprevisível conta-ofensiva do emirado, os portugueses viram-se obrigados a retirar, ao fim de cerca de quatro horas de combate. Sem grandes baixas, é certo. No entanto, a expedição, não tendo resultado propriamente numa derrota, não deixou de ser um fracasso⁴².

Mais grave seria, meses depois, em Junho/Agosto de 1515, a tentativa de concretização do projecto manuelino supracitado de construção de uma fortaleza em Mamora. Para o efeito, partiu de Portugal armada de mais de 200 velas, cerca de 8.000 homens de guerra, mais marinagem, oficiais mecânicos e algumas famílias de moradores, sob o comando de D. António de

blerait le vide entre les possessions portugaises du nord et celles du sud, coupant ou, du moins, gênant, l'accès de Fès à la mer. C'est dans ce sens qui pointe la mission, dépêchée fin septembre 1514, avec le but d'étudier un site favorable à l'implantation d'une forteresse portugaise à l'embouchure du Sebou, à La Mamora, laquelle serait suivie d'une autre à Anfa⁴⁰.

5. Des ambitions déçues

Pourtant, le choc avec la réalité finirait par anéantir cet objectif de conquête, si souvent avorté et reporté, que Marcel Bataillon l'a qualifié comme « un mythe national et religieux, un rêve de croisade hérité du XV^{ème} siècle »⁴¹.

En effet, les forces militaires portugaises subiraient bientôt leurs premiers revers.

En avril 1515, une attaque contre Marrakech aboutit à un échec. L'expédition, sous le commandement suprême de Nuno Fernandes de Ataíde, capitaine de Safi, et de D. Pedro de Sousa, capitaine d'Azemmour, avait un soutien important des troupes musulmanes alliées, 2500 hommes, et plus de 550 guerriers portugais. Mais contrairement à la passivité de l'émir de Marrakech lors des raids précédents, les troupes portugaises ont dû faire face à la défense et à la contre-attaque aguerries de l'émirat qui avait l'aide d'un des chérifs du Sous et d'un caïd du roi de Fès ainsi que de nombreux guerriers. Devant la contre-offensive imprévue de l'émirat, les portugais furent contraints de battre en retraite après environ quatre heures de combat. Sans de grosses pertes, il est vrai. Cependant, si le bilan de l'initiative n'a pas été désastreux, il fut néanmoins un échec⁴².

Bien plus grave se montrera, des mois plus tard, en juin/août 1515, le résultat de la tentative de concrétiser le projet manuelin susmentionné de construire une forteresse à La Mamora. À cette fin, une armée de plus de 200 voiles, et d'environ 8000 hommes de guerre, ainsi que de marins, d'officiers mécaniciens et de quelques familles de résidents, a quitté le Portugal sous les ordres de D. António de Noronha. Le mau-

40. Instruções a Estêvão Rodrigues Berrio e João Rodrigues, Lisboa, 27 de Setembro de 1514, ANTT, *Corpo Cronológico*, parte I, maço 16, doc. 19, pub. *SIHM*, I, 638-641.

41. Marcel Bataillon, « Le rêve de la conquête de Fès et le sentiment impérial portugais au XVI^e siècle », in *Mélanges d'études luso-marocaines dédiés à la mémoire de David Lopes et Pierre de Cenival*, Lisboa / Paris, Livraria Portugália / Belles-Lettres, 1945, pp. 31-39 (citação colhida na p. 36).

42. Sobre todo este processo que culminou com a tentativa de conquista de Marraquexe, em Abril de 1515, ver a síntese «Expédition contre Marraqueche, 23 avril 1515», in *SIHM*, I, pp. 687-692.

40. Instructions à Estêvão Rodrigues Berrio et João Rodrigues, Lisbonne, le 27 septembre 1514, ANTT, *Corpo Cronológico*, parte I, maço, 16, doc. 19, pub. *SIHM*, I, 638-641.

41. Marcel Bataillon, « Le rêve de la conquête de Fès et le sentiment impérial portugais au XVI^e siècle », in *Mélanges d'études luso-marocaines dédiés à la mémoire de David Lopes et Pierre de Cenival*, Lisbonne / Paris, Livraria Portugália / Belles-Lettres, 1945, pp. 31-39 (citation prise p. 36).

42. Sur ce processus qui a abouti à la tentative de conquête de Marrakech, en avril 1515, voir le résumé « Expédition contre Marraqueche, 23 avril 1515 », in *SIHM*, I, pp. 687-692.

Noronha. A má escolha do local para construção da fortaleza permitiu que as forças muçulmanas, sob o comando de Muley Nacer, irmão do rei de Fez, colocassem o corpo expedicionário português à sua mercê e controlassem a foz do rio, isolando-o do mar. A situação tornou-se, assim, insustentável, levando a uma fuga precipitada dos portugueses e resultando num verdadeiro desastre. Calcula-se que cerca de 4.000 homens portugueses nela pereceram, além de se terem perdido dezenas de navios, muita artilharia e munições. Segundo Damião de Góis, foi a maior perda de gente e de munições de guerra que o rei D. Manuel I sofreu em todo o tempo de seu reinado⁴³.

A derrota de Mamora abalou profundamente o prestígio dos portugueses em Marrocos, afectando o seu relacionamento com as tribos muçulmanas aliadas. Como sublinha Pierre de Cenival, «celles-ci savent désormais que les armes portugaises peuvent être vaincues et qu'elles sont incapables de défendre efficacement les vassaux du Portugal en cas d'incursion du roi de Fès sur leur territoire»⁴⁴. Mais grave ainda, teve o condão de reanimar a resistência muçulmana contra os cristãos invasores.

Mas os desaires portugueses não se ficaram por aqui. Em Maio de 1616, na sequência de expedição punitiva aos Montes Claros (Alto Atlas), a derrota portuguesa saldou-se pela morte de muitos nobres, entre os quais Nuno Fernandes de Ataíde. E, dois anos depois, em Fevereiro de 1518, viria também a morrer Bentafufa, assassinado às mãos dos muçulmanos, depois de as suas tropas terem caído numa cilada, durante visita à tribo dos Abda na Duquela.

Todos estes insucessos coincidem com a emergência de um novo potentado muçulmano, no Sul de Marrocos: o dos xarifes sáidas. Estes, beneficiando do apoio das confrarias religiosas com grande aceitação junto das camadas populares, protagonizaram o renascer do espírito de guerra santa (*jihād*), não só contra os «inféis» cristãos, mas também contra aqueles, como os oatácidas, reis de Fez, acusados de oferecer pouca resistência aos invasores portugueses. Numa escalada vitoriosa de sul para norte, os sáidas conquistam a cidade de Marraxex, em 1524 e, anos mais tarde, em 1549, o xarife Mohamede Xequé apodera-se de Fez, a capital do reino oatácida, concretizando a reunificação de Marrocos.

43. Damião de Góis, *Crónica do Felicíssimo rei D. Manuel*, edição anotada e prefaciada por J. M. Teixeira de Carvalho e David Lopes, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926, parte III, cap. LXXVI, p. 246.

44. Pierre de Cénival, «L'expédition de La Mamora (juin-août 1515)», in *SHIM*, I, 695-701 (citação colhida na p. 702).

vais choix de l'emplacement pour la construction de la forteresse a permis aux forces musulmanes, commandées par Moulay En-Naser, frère du roi de Fès, de contrôler l'embouchure du fleuve, l'isolant de la mer et, de ce fait, avoir le corps expéditionnaire portugais à sa merci. La situation est ainsi devenue intenable, entraînant la fuite précipitée des envahisseurs et dégénérant en un véritable désastre. On estime qu'environ 4000 hommes portugais y ont péri. Des dizaines de navires et beaucoup d'artillerie et de munitions y ont été perdues. Selon Damião de Góis, ce fut la plus grande perte de personnes et de munitions de guerre que le roi D. Manuel I eut à souffrir pendant toute la durée de son règne⁴³.

La défaite de La Mamora a profondément endommagé le prestige des Portugais au Maroc, affectant leurs relations avec les tribus musulmanes alliées. Comme le souligne Pierre de Cenival, «celles-ci savent désormais que les armes portugaises peuvent être vaincues et qu'elles sont incapables de défendre efficacement les vassaux du Portugal en cas d'incursion du roi de Fès sur leur territoire»⁴⁴. Plus grave encore, cette défaite a pu relancer la résistance musulmane contre les chrétiens envahisseurs.

Mais les revers portugais ne s'arrêteraient pas là. En mai 1616, à la suite d'une expédition punitive à Monts Clairs (Haut-Atlas), la défaite portugaise entraînera la mort de nombreux nobles, dont Nuno Fernandes de Ataíde. Et, deux ans plus tard, en février 1518, Yahyā u Ta'fūft mourra également, assassiné aux mains de musulmans, après que ses troupes ont été prises dans un guet-apens lors d'une visite à la tribu des 'Abda à la Doukkala.

Tous ces échecs coïncident avec l'émergence d'un nouveau potentat musulman dans le sud du Maroc : celui des chérifs sa'adiens. Ceux-ci, bénéficiant du soutien des confréries religieuses et d'une grande acceptation parmi les couches populaires, ont conduit à la renaissance de l'esprit de guerre sainte (*jihād*), non seulement contre les « infidèles » chrétiens, mais aussi contre ceux, comme les Wattâssides, rois de Fès, accusés d'offrir peu de résistance aux envahisseurs portugais. Dans une ascension victorieuse du sud au nord, les Sa'adiens conquièrent la ville de Marrakech, en 1524 et, des années plus tard, en 1549, le chérif Muhammad el-Shaykh s'empara de Fès, la capitale du royaume wattâsside, concrétisant la réunification du Maroc.

43. Damião de Góis, *Crónica do Felicíssimo rei D. Manuel*, édition annotée et préfacée par J. M. Teixeira de Carvalho et David Lopes, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926, partie III, chap. LXXVI, p. 246.

44. Pierre de Cénival, «L'expédition de La Mamora (juin-août 1515)», in *SHIM*, I, 695-701 (citation prise, p. 702).

Neste processo se inscreve o progressivo isolamento das praças meridionais portuguesas, como aliás já acontecia com as do Norte, desde os alvares do século XVI, sem a base de apoio indígena fundamental para a sua manutenção e sem possibilidades de irradiar a sua influência no país. A insustentabilidade desta situação, bem cedo fora percebida por Estêvão Rodrigues Bérrio, homem com experiência de várias missões em Marrocos. Em 1514, ele considerava que um ataque a Marraquexe só resultaria se os guerreiros portugueses fossem ajudados pelos mouros de pazes, utilizando as suas tendas para as deslocações, «pois – escrevia ele – os homens não podem sofrer andar três noites no campo, nem menos os cavalos, senão nas próprias alcaimas, que são as tendas dos mouros»⁴⁵.

Na sugestiva imagem de Oliveira Martins, os portugueses ficaram nas praças marroquinas «como a bordo das nossas naus; porém as naus iam, vinham, livremente pelos mares, multiplicando a força, distribuindo o castigo; ao passo que as praças da África eram pontões imóveis, ancorados, constantemente batidos pelas vagas da mourama tempestuosa»⁴⁶.

Nestas circunstâncias, foram-se agravando os encargos da sua manutenção por parte do Reino, os quais se traduziam por constantes abastecimentos de dinheiro e cereais e de socorros militares.

A tomada de Santa Cruz do Cabo de Guér, em Março de 1541, pelas tropas do xarife Mohamede Xeque, foi o sinal que conduziu D. João III a pôr em prática um programa de retracção da presença portuguesa que vinha planificando desde os finais da década de 1520. Assim, em Outubro desse mesmo ano e para prevenir a desonra de novas derrotas, ordena o abandono de Safim e de Azamor e, mais tarde, o de Alcácer Ceguer (1549) e de Arzila (1549/1550).

No sul de Marrocos, Mazagão ficou como única posição portuguesa, até meados do século XVIII, circunstância tanto mais curiosa quanto sabemos ter sido povoação que praticamente não foi contemplada pelo discurso eufórico da época.

Quanto a Azamor, o tempo que esteve sob domínio português – 28 anos – foi bem efémero, sobretudo tendo em conta a euforia e as expectativas que a sua conquista desencadeara.

Dans ce processus s'inscrit l'isolement progressif des places portugaises du sud, comme c'était d'ailleurs le cas des places du nord depuis l'aube du XVI^e siècle, sans la base de soutien indigène fondamentale pour son maintien et sans possibilité de faire rayonner son influence dans le pays. Une situation insoutenable très tôt perçue par Estêvão Rodrigues Bérrio, un homme ayant l'expérience de plusieurs missions au Maroc. En 1514, il était d'avis qu'une attaque sur Marrakech ne résulterait que si les guerriers portugais étaient aidés par les «maures de paix», utilisant leurs tentes pour voyager, «parce que – écrivait-il – les hommes ne peuvent supporter trois nuits en campagne, encore moins les chevaux, si ce n'est dans les *alcaimas*, qui sont les tentes des maures»⁴⁵.

Dans l'image suggestive d'Oliveira Martins, les portugais sont restés sur les places marocaines «comme à bord de nos navires; mais les navires allaient, venaient, librement à travers les mers, multipliant leur force, distribuant le châtimeur; alors que les places d'Afrique étaient des pontons immobiles, ancrés, constamment battus par les vagues des maures impétueux»⁴⁶.

Dans ces circonstances, les coûts d'entretien du royaume ont augmenté, ce qui s'est traduit par des approvisionnements constants en argent, en céréales et en aide militaire.

La prise de Santa Cruz du Cap de Gué, en mars 1541, par les troupes du chérif Muhammad el-Shaykh, fut le signal qui conduisit D. João III à mettre en œuvre un programme de rétraction de la présence portugaise au Maroc qu'il prévoyait depuis la fin des années 1520. Ainsi, en octobre de la même année et pour éviter le déshonneur de nouvelles défaites, il ordonne l'abandon de Safi et de Azemmour et, plus tard, celui de Ksar Seghir (1549) et d'Asilah (1549/1550).

Dans le sud du Maroc, Mazagan demeura la seule position portugaise, jusqu'au milieu du XVIII^e siècle, circonstance d'autant plus curieuse que l'on sait que c'était un lieu presque omis par le discours euphorique de l'époque.

Quant à Azemmour, la période sous domination portugaise – 28 ans – fut de très courte durée, surtout compte tenu de l'euphorie et des attentes que sa conquête avaient suscitées.

45. Carta de Estêvão Rodrigues Bérrio a D. Manuel, Tavira, 19 de Maio de 1514, ANTT, *Corpo Cronológico*, maço 5, n.º 39, pub. A. Baião, *Documentos...* cit. pp. 90-93; *SIHM*, I, pp. 552-558.

46. J. P. Oliveira Martins, *Os filhos de D. João I*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1891, p. 265.

45. Lettre de Estêvão Rodrigues Bérrio à D. Manuel, Tavira, le 19 mai 1514, ANTT, *Corpo Cronológico*, maço 5, n.º 39, pub. A. Baião, *Documentos...* cit. pp. 90-93; *SIHM*, I, pp. 552-558.

46. J. P. Oliveira Martins, *Os filhos de D. João I*, Lisbonne, Imprensa Nacional, 1891, p. 265.